

MARIANE: A gente, na verdade, aqui, só a Comissão de São Paulo que tratou dos filhos, sabe, dos militantes.

DORIVAL: Ah, é?

MARIANE: E aí a de Minas está fazendo isso agora também, porque é importante, a gente tem 80 nomes. Assim, isso porque dos nossos, tem outros critérios, os critérios, assim, mais de doze anos não conta, porque a gente está com prazo muito curto.

DORIVAL: Uhum, uhum.

MARIANE: E aí, por isso que eu fiquei insistindo muito, “Vamos fazer no sábado, domingo...”

DORIVAL: Não, você não foi chata, não se preocupe.

MARIANE: Está ótimo. E aí o que a gente está fazendo é, assim, a pessoa vai, a narrativa é dela, o relato é dela...

DORIVAL: Tá bom.

MARIANE: E aí você vai falar o que você quiser.

DORIVAL: Tá bom.

MARIANE: E no final, se você falar alguma coisa que a gente tiver alguma dúvida, aí a gente pergunta. Mas assim, o Eduardo, o quê que ele fez? Ele, Eduardo já fala bastante, né?

DORIVAL: Olha, eu vou dizer que isso eu também, só que ele é um pouco diferente, o jeito.

MARIANE: É. Assim, eu conheço o Eduardo da faculdade, e aí ele falou da concepção dele...

DORIVAL: Uhum.

MARIANE: Até semana passada, até o final da passada mesmo.

DORIVAL: Até as discussões que ele tem com o grupo sobre questões...

MARIANE: Sim, sim. Aí falou da adoção dos filhos, ele falou dele chefe de departamento...

JANAÍNA: Dos conflitos, né.

MARIANE: Tudo. Tudo.

JANAÍNA: Mas eu acho, é interessante porque ele se posiciona, a história de vida da infância em relação ao presente.

MARIANE: É.

JANAÍNA: Isso é uma análise, né, amarrando a percepção que tem das coisas.

MARIANE: É. Mas aí tem gente que falou isso para gente, falou: “Olha, dessa época”, especificamente, não falou mais.

DORIVAL: Uhum.

MARIANE: Tem gente que falou foi o depois, a gente contou todos os casos, todos os casos mesmo, assim, todos os fatos, toda viagem que fez.

DORIVAL: Uhum.

MARIANE: Tem gente que falou bem menos. E daí então isso depende de cada um, porque o que a gente quer é falar da experiência, da sua formação, mas por você mesmo, a sua própria reconstrução da história, construção de si pela narrativa. Você pode contar o que você lembrar da sua criação pela família...

DORIVAL: Do meu pai.

MARIANE: Do seu pai.

DORIVAL: Aham.

MARIANE: Você pode contar da distância que sua mãe, ou não, contar isso... Você pode falar o que você quiser.

DORIVAL: Não, eu falo de tudo.

MARIANE: Então é isso. Ótimo.

JANAÍNA: O mais importante, assim, para a gente, é que nós precisamos, como a gente está trabalhando com esse relatório, né, a gente precisa se ater muito a falar...

DORIVAL: Pode ser com lápis aqui?

MARIANE: Isso é caneta.

DORIVAL: Isso é caneta? Certeza?

MARIANE: Absoluta.

DORIVAL: Que fantástico.

JANAÍNA: Ela é pequenininha.

MARIANE: É, direto do Japão.

DORIVAL: Tira da minha mão, tá?

MARIANE: Minha irmã que trouxe para mim.

JANAÍNA: Todo mundo cobiça essa caneta da Mariane, ela é muito bonita.

MARIANE: É, estou vendo o dia que ela vai acabar (Trecho Incompreensível)

DORIVAL: Não, eu que gosto de escrever com, eu gosto muito de lapiseira, então para mim, eu estou achando ótimo.

JANAÍNA: A letra da gente fica mais bonita, né? Quando eu escrevi com ela eu achei assim: “nó, minha letra é tão bonita com essa caneta”, e minha letra é feia. Mas acho que o mais importante para gente é que tenha, seja pormenorizado, assim, os fatos, o local...

MARIANE: Autoriza até segunda, porque a gente costuma filmar no estúdio de TV da Fumec, né, mas como (Trecho Incompreensível), e aí...

DORIVAL: Tá.

JANAÍNA: Estão todas as linhas aí? Estão, né?

MARIANE: Estão.

DORIVAL: E qual que é o... E como que é que vocês vão estar trabalhando com esses dados depois? Hoje é 20. Como que vocês gostariam de tratar?

MARIANE: Pois é. A gente queria fazer temático, sabe? Nosso prazo é agosto.

DORIVAL: Uhum.

MARIANE: Então, e a gente não tem nenhuma transcrição ainda, para você ter ideia do que a gente já faz. A gente começou o trabalho em fevereiro, nós enquanto bolsistas, né, mas teoricamente já existe desde 2013. Mas não tinha nenhum trabalho da Comissão de Filhos. Tem umas que (Trecho Incompreensível) com o relatório pronto.

JANAÍNA: A Comissão, essa subcomissão em si começou em fevereiro.

MARIANE: É, e a gente teve que construir tudo, porque não existia uma lista de filhos, não existia uma lista de nada.

JANAÍNA: É, esses dados, a gente, como a gente trabalha com pessoas que foram de alguma forma atingidas em decorrência, por ser filho de quem é ou, enfim, algumas pessoas que foram atingidas indiretamente...

DORIVAL: Perfeitamente.

JANAÍNA: Então a gente teve que trabalhar em cima de outras listagens, listagem...

MARIANE: Mortos e desaparecidos.

JANAÍNA: Mortos e desaparecidos, de torturados, de presos, a parte de listagem, sei lá, dos próprios partidos, então a gente teve que fazer uma busca muito, em todas as bases, em todas as fontes. Então a gente começou criando esse corte, assim, do zero, né. Como a Mariane falou, a gente está tendo que fazer um corte até um pouco arbitrário.

DORIVAL: Claro.

JANAÍNA: Porque é impossível, nosso grupo é pequeno...

DORIVAL: Não dá para fazer tudo, é.

JANAÍNA: Não dá para fazer todo mundo, nosso estado é enorme. Nosso desejo era, nosso desejo seria trabalhar com pelo menos um representante de cada região, regional aqui do estado, a gente não conseguiu ainda. Até que a gente tá tentando capilarizar bastante, mas a gente não conseguiu.

DORIVAL: E quando a gente pega um histórico de muitas pesquisas antropológicas, e memórias em geral, é meio isso mesmo, né? É difícil conseguir pegar todo mundo e falar com todo mundo, por mais desejo que a gente tenha.

MARIANE: E o que a gente quer, o que a gente queria muito, nós duas, assim, principalmente, era poder fazer com o pessoal do interior, com camponês, com trabalhador rural...

DORIVAL: Sem dúvida, sem dúvida.

MARIANE: Com indígena. Mas não está, quase nenhuma lista tem isso.

DORIVAL: Não, e é muito isso. Você pega, por exemplo, o cara que morreu com o papai, Gildo. A família do Gildo era outra história de família. Então assim, mãe manteve contato, foi muito, (Trecho Incompreensível) ativa, então acabou mantendo contato. Mas os camponeses muitos eram de família que sequer... Não entendia, sequer entrava.

MARIANE: Não, ninguém sabe.

JANAÍNA: A gente trabalhou com a lista do Coned, né, uma das nossas fontes.

MARIANE: As pessoas nem pediram indenização.

JANAÍNA: É, as pessoas nem pediram indenização, porque nem sabe direito que tinha esse direito e tal. Assim, é muito complexo, é muito complicado, mas que bom que a gente conseguiu conversar com você, porque a gente está tentando...

DORIVAL: E além disso você quebrou o braço, para a felicidade da Mariane, não é isso?

JANAÍNA: É, eu quebrei jogando vôlei. Tive de fazer cirurgia.

MARIANE: É, quebrou.

JANAÍNA: Pode falar.

MARIANE: Você acha que pode...

DORIVAL: Posso, né?

MARIANE: Pode. Ficar do jeito que você quiser. Isso aqui é só para a gente poder fazer a transcrição também.

DORIVAL: Sim.

JANAÍNA: Acho que assim está bom, que aí fica mais centralizado.

MARIANE: Aqui, que eu faço uma introdução só para...

DORIVAL: Claro, por favor.

MARIANE: Situar hora, dia. Nome da sua mãe mesmo? É porque a gente mexe com tanto nome, tanta mãe. Maria Madalena Prata Soares?

DORIVAL: Isso.

MARIANE: E Zé Carlos Novaes da Mata Machado.

DORIVAL: Isto.

MARIANE: E o seu é Dorival Soares da Mata Machado.

DORIVAL: Da Mata Machado.

MARIANE: Da Mata Machado. O Zé Carlos, ah, está também.

JANAÍNA: Você quer que eu comece?

MARIANE: Sim, por favor.

JANAÍNA: Pode começar?

DORIVAL: Por favor.

MARIANE: Você quiser parar também a gente para.

DORIVAL: Não, não. Fique à vontade, gente.

JANAÍNA: 1, 2, 3. Está gravando.

MARIANE: Boa tarde. Hoje é 20 de maio de 2017, às 14:25, na Casa de Direitos Humanos realizamos a oitiva de Dorival Soares da Mata Machado, filho de Maria Madalena Prata Soares e José Carlos Novaes da Mata Machado. Estão presentes as bolsistas da Covemg Mariane Cruz e Janaína Breugelmans. Pode iniciar o seu relato.

DORIVAL: Obrigado. Bom, eu fui, eu, de certa maneira, a minha memória contada do período começa quando eu tinha 9 meses, fui mandado pelo meu pai e pela minha mãe para morar com meus avós aqui em Belo Horizonte. Meu pai e minha mãe moravam, à época, no interior, em Fortaleza, capital do Sergipe lá, capital do Ceará, olha eu, e numa comunidade, numa favela, como você preferir. A ideia era fazer todo o trabalho de sustentação de base, de levantamento, e isso era 1972. Quando eu nasci já estava em um momento onde a ação, que eles eram um grupo, o grupo que eles eram ligados, a PML, já estava muito desbaratada, então já estava com muito pouco dinheiro. Então a memória do que minha mãe conta deste período é: que eu passei a maior parte desses 9 meses muito doente, eu tive meningismo, se é que isso existe, ou seja, tinha uma meningite. A memória da minha mãe é que os vizinhos passavam na porta e falavam: “Ah, já virou um anjinho, que lindo” etc., eu acabei sobrevivendo. E aí minha mãe e meu pai falavam: “Olha, ele vai morrer se a gente continuar nessa condição”, seja por falta de alimento, seja por uma condição precária em geral, que eles estavam vivendo, como a população vive, grande parte da população vive até hoje. E eles decidiram então me mandar para Belo Horizonte. Então assim, eu tenho muito pouca memória, mesmo oral, ou seja, minha mãe me contou muito pouco desse período antes dos 9 meses, tirando a história do meningismo, tirando a história que meu pai trabalhava de assistente de sapateiro, de sapateiro para ganhar dinheiro mesmo, já não era mais nem necessariamente para estar fazendo uma ação, tirando o fato de que eu sabia que eles estavam discutindo uma possibilidade de fugir do país, de sair do país, porque tinha chegado o cerco da ditadura, já tinha chegado a um ponto muito sério. Tirando essas coisas um pouco esparsas, com certeza a memória do, dessa época era muito melhor, porque eu tinha 4 anos. Então a minha memória, seja descritiva por outros, seja minha mesmo, começou quando eu fui para minha vó. E aí eu tenho alguns documentos também que (Trecho Incompreensível), então assim, até muito pouco tempo, na verdade eu até tenho, quem fez (Trecho Incompreensível) do meu avô, eu passei parte da papelada, mas eu tinha um caderno, não era um caderno, era um conjunto de folhas de médico, que era algo tipo, sei lá, 100 folhas, não, 200 folhinhas de médico, aquelas receitas, que foi o cara que me atendeu. Então eu cheguei absolutamente subnutrido, eu era, tinha barriga d’água, tinha verme, tinha um milhão de coisas. Então era magérrimo, com as costelas à vista, uma barriga proeminência típica do menino nordestino na época, e aí eu cheguei, pouquíssimo cabelo, isso hoje também é comum, mas na época pouquíssimo cabelo. Eu cheguei, a primeira coisa que meus avós fizeram foi levar no médico, doutor Hugo Werneck, se eu não me engano, e doutor Hugo, então, eu falo que eu tomei antibiótico o resto da vida naquela época. Eu li aqueles papeis, eu vi que eu

cheguei numa condição muito ruim. Eu não vou lembrar o peso, mas com certeza abaixo do peso normal, e fiquei nisso. E teve então todo esse processo de tratar verme, cuidar, alimentar. Minha vó fala, minha vó ainda é viva, estava almoçando com ela nesse minuto, inclusive. Minha vó então vai fazer nesse ano 99, 2017, ela é de 1918, e ela fala que ela me engordou, me alimentou a angu e feijão. Literalmente paneladas de angu e feijão. E aí tem uns casos que na família viraram folclóricos, que era quando eu pude, finalmente, comer comida normal, começou com sopa, porque eu não conseguia, nada parava no estômago, aquela coisa. E ela conta que a primeira vez que foram me alimentar, eu comia a sopa inteira. Inteira. Eu acabei de comer e vomitei. Ou seja, mesmo com menos de 1 ano tinha aquela coisa da necessidade, do é este o momento, tem que comer enquanto tem, tinha uma coisa muito forte nesse sentido. E aí mamãe conta uma coisa, que é uma coisa muito particular dela, mas que eu vou tomar liberdade de dividir, eu não vou saber exatamente quando, mas algo entre esse meu período de 9 meses, ou seja, algo entre novembro de 72 e outubro de 73, quando meu pai foi assassinado, algo entre aí ela foi visitar, algo nesse meio. Aí ela conta que ela chegou na casa da minha vó e estava minha tia mais velha com um neném que ela falou: “Nossa, que neném lindo”, no colo, então ela fala que ela chegou e falou assim: “Nossa, que menino lindo”, e era eu. Então ela fala que naquele momento ela olhou e falou assim, eu tinha cabelo, eu estava gordo, moreno, sorridente, gritando. Ela falou assim: “Esse é o filho que eu tive, não é a criança com quem eu tentei manter viva numa condição ruim durante 9 meses”. Então, de certa maneira, a lembrança que eu tenho antes desse período é muito essa. Tem outros casos cômicos, já que nós estamos falando, esse também o meu irmão deve ter mencionado, que é que minha vó pegou uma, ou mais de uma vez, não vou saber, o Dudu me dando terra. Sentado, a gente sentado no jardim e ele me dando terra. O quê que era? Era o irmão mais velho me alimentando. Era, tipo assim, algo que ele fala, do tatu bolinha, isso aí eu acho (Trecho Incompreensível), que era: “Um para você e um para mim”, que era uma coisa do irmão, ele era três anos mais velho que eu, praticamente, cuidando daquele bebezinho que ele sabia que tinha ser alimentado. Eu estou contando muito da minha perspectiva, obviamente, mas minha mãe mandou eu e meu irmão para minha vó materna, depois a vó paterna, a vó paterna dele pegou, tem aí toda a história que vocês já ouviram. Então é um pouco essa, a minha memória começa um pouco aí. E aí tem que entender um pouco isso, minha família não era uma família rica, mas era uma família de classe média, meu avô, professor universitário. Meu avô foi cassado pelo Getúlio, foi cassado na ditadura, foi expulso do jornal, de vários jornais quando era jornalista, e aí, mas quando eu cheguei já tinha só uma tia minha, que é uma pessoa que também é minha mãe, que



morava com ela e ela. Então eles tinham uma condição muito melhor do que quando tinham sete filhos em casa. Então tinham uma condição financeira boa, morava no que hoje é a Savassi, antigamente a gente chamava de bairro Funcionários, na rua Alagoas. Meu avô não era sócio, mas pagava uma mensalidade no Minas, então eu saí de uma condição diferente em Fortaleza e vim para ser criado a pão de ló, como a gente fala lá em casa, em Belo Horizonte. Então assim, eu fiz natação, eu tinha bronquite, então eu fiz natação durante 15 anos no Minas Tênis Clube, eu estudei no colégio Loyola, isso aí tem um parênteses aí. Meu ponto é que tem um rompimento muito grande e eu tenho muita pouca memória, então eu sei contar o quê que eu passei nesse processo, muito pouca lembrança anterior. Já comecei por educação. A questão da educação, a questão da formação intelectual, questão da formação intelectual como parte da formação humana sempre foi fundamental na minha família. E meu avô sempre foi, era um advogado, advogado, era advogado no sentido de estudante de direito, um filósofo, um jornalista e sempre então na nossa biblioteca tinham livros de francês, alemão, italiano, todas as línguas, e uma exposição muito humanista de discussão das coisas, uma questão sempre muito pé no chão para falar das coisas. E aí, e com essa condições que eles tinham, então eu fui das primeiras turmas do colégio que hoje em dia ainda tem o mesmo nome, em outro lugar, que é o Balão Vermelho. Na época o Balão Vermelho era um colégio absolutamente inovador, ainda mais para espírito mais tradicional de Belo Horizonte, então estudei primeiro no Balão Vermelho até os 5 anos, quando eu tinha 6 anos, toda parte de alfabetização, 6, 7, 8, 9, 10, né, na verdade hoje em dia, antigamente, isso é hoje em dia, antigamente era 7, 8, 9, 10, esse período eu fui para uma escola pública, que era uma belíssima escola pública, mas tinha também o objetivo de: “olha, a gente consegue dar para esse menino uma escola privada, mas tem que entender um pouco que o mundo não é uma escola privada tradicional”. Eu estudei no colégio chamado Bueno Brandão, que era muito, que era muito próximo da casa também, colégio muito bom, que eu tenho ótimas lembranças e depois eu fui para o Loyola. Por que o Loyola? No fundo a ideia era “agora você precisa de um ensino mais tradicional”. Eu hoje em dia questiono um pouco isso, eu iria de novo para o Loyola, eu gostei do ensino, tenho mil reservas em relação ao colégio, mas eu gostei muito do ensino. E então na época eu fiz Santo Antônio, que era a um quarteirão de casa, o Loyola e Dom Silvério, se não me engano, que é o Marista, que era um outro próximo. Por razões das mais variadas acabei escolhendo ir pro Loyola. A mais forte razão era a filha de uma amiga nossa que falou que achava que o Santo Antônio dava pouca liberdade para ela em função da exigência que o colégio trazia. Não que o Loyola fosse menos exigente, mas a lógica, a impressão que ela tinha era essa. E eu tinha sido criado com muita

liberdade, tanto no Balão quanto no Bueno Brandão, e eu fiquei um pouco assustado com essa perda de liberdade. Talvez seja um pouco verdade, talvez não, não quero entrar no mérito das duas educações. Então isso só para contar esse passo. Depois disso eu fiz economia. A decisão de fazer economia era que eu gostava de matemática, história, e essa minha tia, Edith, irmã do Zé Carlos, também era minha mãe, falou: “Faz alguma coisa mais intermediária”, eu fui fazer economia, devia ter feito gastronomia, fotografia, artes, outra coisa, mas ok. Isso é um outro parênteses. Porque, de novo, tem um lado de, por mais que seja uma família liberal no sentido de entendimento do mundo, de esquerda, hiper bem formada, ainda é uma família com suas tradições mineiras, ou seja, engenharia e advocacia eram as profissões e não sei o quê. Eu já não fui ser advogado, que já muita gente me olhou torto, “Como? Você é filho do Zé Carlos, neto de (Trecho Incompreensível), não vai ser, não vai fazer direito?”, “Não”, eu falava comigo, e eu fui criado para escolher o que falavam comigo. Bom, e aí depois eu fiz, comecei um mestrado, eu fui professor de estatística por, o marido dessa minha tia que me criou, da Edith, é professor de estatística, José Francisco Soares, então o Chico ficava incomodado com os livros que eu estudava na faculdade de economia, então acabei estudando estatística em livros que ele tinha estudado lá fora. Então quando eu terminei eu tinha uma formação que permitia, permitia eu fazer concurso para professor substituto e ser professor substituto durante 1 ano, 1 ano e pouco na UFMG. Entrei num mestrado em demografia e no meio dessa história eu comecei a trabalhar com o que eu trabalho até hoje, que é a pesquisa de opinião e mercado. De repente eu olhei, aquilo fazia todo sentido, o que eu tinha aprendido sobre dados primários, secundários, estudo de IBGE, usar dados na demografia, toda minha formação de estatística e toda visão crítica, vamos dizer assim, que eu obtive um pouco do curso de economia. Então isso tudo, assim, “poxa, casou bem e no fundo é um”, eu tive diversas empresas, mas no fundo, no fundo, sempre trabalhando muito com pesquisa de opinião, muito com pesquisa de mercado. Fazendo esse parêntese de educação só para chegar até agora e agora voltar. Eu acho que no que diz respeito ao que a gente está falando, toda discussão da Comissão, eu acho que quando eu devia ter uns 4, 5 anos eu comecei a entender a dimensão do que significava para a família e para o entorno nosso ser filho do Zé Carlos. Vou dizer que não é uma coisa muito fácil, porque de certa maneira contém os traços do herói mítico em toda construção, em toda memória. E se já é difícil para gente tentar deixar o pai orgulhoso, tentar deixar um pai, mito, que morreu assassinado, sob tortura, durante a ditadura, eu vou dizer que não era uma coisa muito fácil. Digamos que a minha realização acabou sendo muito por uma coisa que ele não teve condição de fazer, mas eu chego aí. Então eu imagino que nesse entorno, 4, 5 anos, que talvez

tenha sido que eu comecei a pensar, comecei a tentar elaborar isso, e isso para mim hoje é muito forte, porque eu lembro que a minha elaboração era que eu falava que meu pai morreu lutando pelos pobres. Era uma fala de criança, mas eu acho que foi a forma como meu avô, minha avó, minha tia, traduziram isso para mim. Obviamente quando você entra num colégio e começa a estudar o período, por mais que fosse 1984, 85, tivesse 13 anos, você começa a olhar o período atrás, você começa a falar assim: “Hum, não era bem assim. Estava lutando pela liberdade, estava lutando contra uma ditadura militar, estava lutando com outro conjunto”, então eu elaborei um discurso um pouco mais argumentativo, vamos dizer assim. E eu falo que de certa maneira, quando eu entrei na faculdade e tive exposto, como todo mundo quando entra na faculdade, a um outro conjunto de opiniões contrárias, diferentes, mas basicamente um grau de discussão, de certa maneira eu voltei a falar o que eu falava quando criança, que é que ele morreu lutando pelos pobres, com um adendo, que é mesmo os pobres não tendo pedido, não tendo sabido e tendo continuado a vida, mas no fundo foi uma opção que ele fez vendo a condição da época. Eu vou dizer que eu tive vários momentos nessa minha relação com o Zé. Eu tive um momento de muita falta, por mais que eu tenha tido vários pais, o Edgar Mata Machado, pai do meu pai, foi meu pai; o José Francisco Soares, marido da minha tia, foi meu pai; Bernardo, irmão mais novo do meu pai, foi meu pai. Por exemplo, era meu pai em festa de dia dos pais. Então assim, teve, tinha, então, por mais que eu tenha tido vários pais e vários modelos, você sente uma coisa assim: “Cara, que cara interessante é esse que eu não conheci”, né. Então assim, teve um momento inicial, e aí estou falando entre os 5 e os 13, principalmente, onde eu também o idolatrava. A história do lutar pelos pobres era uma coisa cheia de beleza, cabia em qualquer papo, qualquer pessoa de repente, sabe? “Você é filho do Zé”, virava uma história, e obviamente com, obviamente não, mas eu tinha, eu gostava dessa, desse, como é que a gente chamava? Desse acolhimento que isso dava. E aí eu acho que nesse sentido, eu fui, quando, daqui a pouco eu volto, perdi um pouco a linha, mas quando entrei na faculdade e fui entender isso foi muito positivo para eu poder reavaliar, discutir, entender e também trabalhar um pouco, tentar trabalhar um pouco as escolhas que eu ia fazer. Eu tive um momento inicial, então, como eu estava falando, de muita falta dele, um momento do filho que queria ter o pai, que queria ter conhecido esse cara; teve o momento de idealização muito forte junto com essa falta, então ele era perfeito, né? Eu lembro que eu tenho algumas memórias muito importantes entre os 10 e 15 anos, não vou saber exatamente precisar mas, por exemplo, acho que foi em 84 que fez, talvez 20 anos, é, 20 anos (Trecho Incompreensível) de 64, faz sentido, que a turma dele em direito, e aí formou uma festa. E essa festa para mim foi muito importante, porque todo mundo

chegava: “Ah, Dori, filho do Zé”, eram colegas de faculdade, com quem ele não pôde formar, que foi proibido de formar pela ditadura. E daí, não sei o quê: “O que você sabe sobre o seu pai?”, “Nossa, como é ser filho do Zé?”, e tal. Ali era meio estranho, mas de novo eu estava num ambiente que eu gostava de ser centro, até que alguém, eu não vou lembrar quem, infelizmente, o nome dela ou dele, um colega falou o seguinte: “Você não conheceu o seu pai, né?”, falei: “Não”. Falou: “Quantos anos você tinha quando ele morreu?”, falei: “Um ano e pouco, e vivi com ele só até os 9 meses”, e aí teve uma experiência que foi muito legal, que as pessoas começaram a tirar fotos. Eu não tinha fotos, visto fotos do meu pai, eu já até conto um pouco porque pelo menos eu não tinha visto aquela profusão de fotos que eram fotos de viagem da universidade, viagem de faculdade, turmas debates, não sei o quê, então foi a primeira vez que eu descobri que o meu pai fumava. Eu falei assim: “Isso é um cigarro na mão dele? Papai fumava? Como assim ele fumava? Ele não era...”, “Papai bebia? Como assim papai bebia?”. Então foi muito interessante nesse sentido de descobrir essa coisa de descobrir o lado humano dele fora do milito, descobrir que era um jovem que tinha seus sonhos, seja lá quais fossem, viajar pelo mundo, mochilar pelo mundo, criar uma família, ser professor da faculdade que nem o pai, não sei quais eram. Sonhos que foram interrompidos por uma coisa absurda que aconteceu nesse país e que ele fez uma escolha. E essa escolha teve as consequências, obviamente que teve. E aí eu acho muito, eu acho que foi muito interessante esse período para eu entender um pouco e começar a ter outra relação com ele. Só abrir um parênteses, por que eu vi poucas fotos? Não vou dizer que não tenho nenhuma, porque às vezes eu falo que não tem nenhuma e já descobri que isso é um exagero. Porque no meio do período dele e da minha mãe escondidos, fugindo da ditadura, um dia ele ligou lá para casa e pediu para jogar fora todas as fotografias. E a gente fez isso. Ele era procurado. Então assim, a foto que tem dele é uma foto só, que todo aparato militar tinha, tirando a geraponga seguindo, a foto de revista era uma única foto que eles tinham de registro. Então assim, este processo então para mim foi muito interessante porque eu vi, eu vi ele de bigode, nunca tinha visto ele de bigode, eu nunca sabia que ele usava bigode, então teve um conjunto de coisas que foi muito interessante. Então esse foi um momento muito chave na mudança dessa minha relação. Foi um momento de humanizar ele, foi um momento que tirou um peso das minhas costas, entre aspas, de ser perfeito, ser o aluno nota 10, o filho perfeito, (Trecho Incompreensível), não precisa ser perfeito. Eu posso ter as minhas falhas, eu posso relaxar e soltar. Comecei, acho que foi quando eu comecei um pouco a me soltar foi nesse processo. Mas ao mesmo tempo foi um período, esse período em torno disso, ou seja, em torno de 84, foi um período de muita mudança. Mudanças positivas, no final das contas,

todas, mas foi um período de muito também acabar com o, eu vou falar aqui, o mito de um quê de ilusão, então foi um período que eu derrubei muitas outras ilusões. Foi um período que eu fui, eu e minha tia, minha tia já, minha tia é de 52, então ela é 20 anos mais velha que eu, só. Então no fundo minha tia resolveu sair da casa dos pais e falou: “Quer vir comigo?”, que aí eu virei de fato filho dela também, foi quando ela saiu, que deu até uma discussão, falei com a vó e meu avô que eu ia ficar, ela falou: “Não, daqui a pouco nós vamos morrer, então não quero que você crie relação com a gente, muito afeto, melhor você ir com sua tia”, falei: “Tá bom”, está viva até hoje, né. Eu cobro isso dela de vez em quando só para encher o saco, eu falo: “Ó, 32 anos atrás você falou que já estava morrendo e que era para eu ir morar com a Dite, então agora não fica reclamando que eu sumo”. Mas nesse período aconteceram outras duas coisas muito importantes para mim, minha formação, e para o meu entendimento de tudo que aconteceu. E para muitas decisões minhas. Era período de diretas já, minha família se engajou muito, eu tinha e eu joguei fora, burrice, devia ter guardado. Eu tinha uma foto minha com uma calça jeans, uma camiseta e boné, tudo, todo estampado, inteiro, tudo cheio de tampas escrito: “diretas já” e “Tancredo”. E eu lembro, com muita veracidade, apesar de que eu acho que tem um quê de ficção nisso, no dia que meu avô chegou e falou que o Tancredo tinha vendido as diretas. Talvez a palavra seja forte, mas é como eu guardei, que é o fato de que: “Olha, a gente fez esse movimento inteiro, mas por trás estava tendo uma negociação política”. E eu lembro que eu peguei tudo e joguei tudo no lixo. Calça, camisa, todas as coisas e no futuro um dia rasguei, nem a foto. Porque eu acho muito importante falar assim: “Cara, sempre dá um passo para trás e olha as coisas com mais crítica. Sempre olha com crítica”, sabe? Mesmo no ambiente de um milhão de boas intenções, está todo mundo indo, as coisas tem mais de uma agenda acontecendo. Então você tem que pensar um pouco o quanto que você vai enfiar o seu coração nisso pensando nas consequências, e saber as consequências. Não é que não é para entrar, é saber as consequências. Isso é muito importante, eu acho, para a minha formação política e minhas posições políticas hoje. Outra coisa muito chave aconteceu, e talvez tenha sido nessa história toda para mim o momento mais chave, foi, a gente via jornal todo dia, se eu não me engano víamos três jornais todo dia. Então a gente via, eram em horários diferentes, então era jornal da Bandeirantes, se eu não me engano; meu avô não gostava muito, mas via o do SBT, que acho que era o Casoy, alguma coisa, não era muito a linha dele, mas ele achava importante, e via o Jornal Nacional, que era meio o termômetro do quê que está se querendo contar nesse país. E teve um dia, a gente estava vendo jornal, eu não sei qual dos três, foi o primeiro a anunciar, que era um senhor que tinha descoberto um cemitério em Ibiúna, aí “Olha” e tal, a primeira vez minha

vó olhou e falou: “Olha” e tal, ficou calada. Na segunda vez ela cochichou alguma coisa com meu avô, não sei o quê, na terceira vez ela falou: “A gente devia mandar a arcada dentária do seu pai”, e aí eu falei: “Para tudo. Todo dia de finados na minha vida, até então, vocês me levam no cemitério da colina para ver uma lápide onde está escrito José Carlos da Mata Machado. Como assim? Meu pai não está lá?”, e aí foi um momento muito chave. Por quê? Porque ela falou: “Não sei. A gente conseguiu, a gente entende que conseguiu recuperar o corpo, mas ele veio num caixão lacrado e a gente foi proibido de abrir”, e eles não tinham aberto até 1974”. E aí a gente, eu falei: “Cara, não. Isso não existe. Vamos fazer diferente”, e (Trecho Incompreensível) eu tinha 12, 13 anos (Trecho Incompreensível). E aí decidiu-se que a gente ainda, por mais que já tivesse começado o momento de abertura, o pânico de quem viveu sobre a batuta militar permanece para sempre, minha filha, hoje, não tem nada disso, mas ela tem restrições em relação à polícia militar, tem 14 anos, nunca viveu nada, muito antes, pelo contrário, mas tem restrição porque quem viveu sobre isso sabe um pouco o quê que é. E ela, então a gente, ao invés de pedir uma abertura de caixão, a gente pediu um traslado de ossos. Então já tinha 14, 15 anos que meu pai tinha morrido, 14, 13 anos mais ou menos, então já era um período aceitável, eu falei: “Vamos pedir para pegar os ossos para pôr numa caixinha”. Antigamente fazia-se isso, pegava-se os caixões lá pelas tantas, tirava os caixões, tirava os ossos para pôr na caixinha para aquela mesma cova, aquele mesmo jazigo, na verdade, cova, jazigo, não sei, para aquele mesmo local poder caber mais de um, mais de uma pessoa. E esse dia é muito vivaço para mim, porque estava chovendo, quando eu vejo esses filmes de super-herói, filme, qualquer filme de cemitério, aquela cena de chuva, era aquela cena. A gente foi, então foi eu, que eu fiz questão de ir, foi minha tia Marília, que é minha madrinha e que não estava aqui no Brasil quando meu pai morreu, ela estava estudando nos Estados Unidos, então ela também, além de ser minha madrinha, também é uma pessoa que precisava deste processo. Foi mais uma pessoa que eu não vou lembrar quem seja, me desculpe, que talvez meu tio, uma tia minha que é advogada, talvez outro tio, marido da minha tia mais velha, e a gente levou... Ah, confundi o nome. Meu médico não era o Hugo Werneck, o Hugo Werneck era o dentista da família que foi com a gente. Eu vou lembrar o meu médico depois. E nós levamos ele. Por que o dentista foi com a gente? Porque no momento que estivesse fazendo o traslado, ele levou as fotos da arcada dentária, então quando estivesse tirando os ossos do caixão para caixa, a gente ia olhar. Porque assim, para mim é muito forte essa lembrança do, a gente andando, era mais ou menos longe na colina, então a gente andando para lá, a cova aberta, os dois coveiros esperando a gente com aquela cara de: “o quê que esses malucos resolveram fazer com esse dia chuvoso uma mudança de ossos?”, não

vou lembrar o nome exato, e aí a gente chegou lá e tal. Aí: “Pode fazer?” “Pode”, aí teve a primeira cena, engraçada, que foram várias cenas, hoje eu acho engraçado, né. A primeira que eles tiram a madeira e embaixo da madeira era aço. Aí eles falam: “Olha, é coisa de aço. Ele foi militar, alguma coisa?”, porque era tipo cova de exército, tem até uma foto do lugar, mas era uma coisa, não era de aço propriamente, era alumínio ou algum metal, né, aí eles tiram a tampa de metal e está até a borda de serragem. Segundo susto dos caras: “Ele morreu de alguma doença, alguma coisa?”, a gente: “Não, não, é só porque ele morreu longe, então o corpo teve que ser mandado”, “Ah, é, porque isso aqui é para conservação e tal”. Então a gente, todo mundo assim: “Ih, não sei se esse corpo está aí, olha que estranho, coisa engraçada”, aí eles enfiam a mão na serragem e falam: “Uai, tem corpo nenhum”, e ninguém fez cara de assustado. Então os caras olharam para nós e falaram assim: “Não tem nenhum corpo”, todo mundo: “Não?”. Não foi com este grau de tranquilidade, mas assim: “Procura direito”, aí ele mexeu e falou: “Ah, não. Tem sim um corpo, só que ele é muito pequeno para o caixão”, por isso eu não tinha entendido, eles foram puxar onde eles acharam que estava a cabeça e o pé e não acharam, porque era um caixão um pouco maior. E aí vem, então passou-se o evento do aço, do alumínio, passou esse evento da serragem, passou-se o evento do “não tem corpo”, eles falaram assim: “Nossa, mas o corpo ainda está rígido, ele morreu há pouco tempo”, aí a gente começou a achar já um pouco estranho. Aí o quê que aconteceu? O espaço é que ele foi colocado com uma roupa que não era dele, menor, então a roupa era muito justa, provavelmente aquelas, alguma coisa de elastano, qualquer coisa nesse sentido, do exército, (Trecho Incompreensível) elastano na época, mas alguma coisa justa, e aí quando o corpo se decompôs, ele ficou lá. Então o cara quando ele pegou a perna na primeira vez, ele viu que ela estava, que ela estava rígida. Quando ele apertou, era pó, que se dissolveu. Aí começou, ele: “Ah, tá”, aí eles começaram a achar, tira o pé, tira ossos, tira o fêmur, tira essa tal dessa calça que se dissolve e tal, e pegou e foi pondo do lado e pôs a caveira e o maxilar. Não sei exatamente o que a gente falou com o cara. Eu sei que quando eles tiraram a caveira, minha tia falou: “É ele”, ela falou: “Reconheço pelos traços”, soltou um, respirando fundo, “É ele”. E não sei o quê a gente falou para os caras, mas a gente pôs de lado e o doutor Hugo, se eu não me engano, foi lá olhar. E eu, é importante depois eu lembrar quem era exatamente, porque é importante eu falar o que eu vou contar. Aí ele chegou e falou: “Ó, é ele sim, ó. Tem esse dente aqui com cárie, tem isso”, pôs o maxilar embaixo e falou: “(Trecho Incompreensível)”, vamos lembrar que ele era um dentista da família há anos, era uma pessoa informada, uma pessoa educada, uma pessoa, até onde eu convivi e conheço depois, com uma cabeça maravilhosa. E aí a terceira frase dele, (Trecho

Incompreensível) aí ele olhou e falou: “Olha, esse dente aqui”, era um dente aqui, assim, “Esse dente aqui teve muita cárie. Nossa, ele deve ter tido um problema enorme de cárie”, era um dentista olhando. “Está muito machucado esse dente”, aí ele olhou e falou assim: “Mas engraçado, parece que está um pouco afundado”, aí eu olhava para ele e falava assim: “Mas o que ele está falando, né?”. Aí ele pôs o resto do crânio e falou assim: “Nossa, parece que aqui, aqui tudo parece que ele machucou”, aí eu falei: “Doutor Hugo, papai morreu espancado sob tortura”, e eu lembro até hoje da cara dele olhando para mim, que foi a primeira vez que ele acreditou. Então era uma pessoa absolutamente próxima à família, uma pessoa muito próxima, que conseguiu ser ludibriado por toda história militar que até hoje volta com Bolsonaros da vida, de que não houve tortura, não houve nada disso, a gente só estava tentando fazer o melhor pelo país em função do comunismo, mas não. Então foi o primeiro, eu lembro da cara dele olhando para mim e falando assim: “Mas bateram nele até morrer”. Então eu lembro que isso para mim foi muito importante também. Por que foi muito importante? Porque eu notei ali, não ali, hoje em dia eu sei elaborar isso, mas eu notei que eu vivia também numa posição de muita arrogância. Tipo assim, eu convivia no Loyola com, eu vou dizer que de cada cem alunos, cinco os pais tinham tido alguma história, ou os avós, no regime militar. 95 tinham proliferado os negócios durante o período. E eu convivia com um grau de arrogância, porque eu sei mais, eu vivi isso, essa arrogância não se dissipou totalmente, mas eu entendi que, gente, tem muita gente que passou por esse mesmo período sem entender o que aconteceu, deve ter muita gente que eu conto que meu pai foi assassinado e deve imaginar ele numa roupa verde com armas atirando e matando pedestres na rua, que nem um sniper. E aí foi um momento muito importante para mim, que foi o momento que eu falei: “Bom”, e foi o momento que eu acho que eu resolvi ter um pouco de raiva do meu pai. Foi o momento que eu falei: “Porra, meu”, sabe? Tipo assim, você fez uma escolha, ótima escolha e tal, mas no limite não dava para ter ficado? No limite não dava para ter fugido para o Chile? Não dava para ter feito alguma coisa, escondido... Eu estaria contando essa história, eu estaria vivendo essa história de uma forma diferente? Então esse período também foi um período que eu me dei a liberdade de ter raiva dele, de ter raiva. “Porra, em algum momento você podia ter inventado alguma história, ter falado o nome de alguém que você sabia que já estava morto”. Mas não, ele ficou o máximo calado possível, até o último momento. E eu não vou dizer que foi por isso que ele foi morto, acho que ele já ia ser morto, como muitas pessoas que entraram numa cela de tortura, já “vamos tirar o que a gente pode, enquanto a gente mata ele”, e eu acho que isso é uma coisa importante, muito importante porque eu não falo que ele morreu sob tortura, eu falo que ele foi assassinado. Ou seja, quando ele entrou naquela sala,



quando ele foi preso ali, já estava determinado o que ia fazer, foi um assassinato premeditado com tortura para tirar o máximo de informação antes dele morrer, não era nada diferente disso. Então foi um momento que eu tive um pouco de raiva e foi importante essa raiva. Essa raiva de verdade, ela só veio a se dissipar e só veio a se tornar outra coisa muito pouco tempo, muito tempo depois, quando eu vim a ter filho. Eu vim a ter filho e uma coisa que eu falo com a minha filha desde que ela era bebê: “Papai não faz nada por você. Papai faz as coisas porque ele acredita, e eu acredito que fazendo as coisas como eu acredito são o melhor para você”. Ela era pequenininha e eu falava: “Quem é a pessoa mais importante da sua vida?”, ela falava: “Papai, mamãe”. Eu falava: “Não, a Duda”. Muito pequena, até, tadinha. Mas, assim, por que? Porque isso é importante, assim, pela minha filha eu mato, eu roubo, se eu ponho “Ah, pela minha filha eu faço qualquer coisa”? Não faço qualquer coisa pela minha filha. O que define a minha vida são os meus valores, a minha ética, o meu passo, que tem suas falhas, mas são minhas falhas. E eu acho que isso que foi o principal, porque assim, por duas razões. Por uma razão é que foi uma coisa que eu consegui fazer melhor que o Zé. Eu sou pai de uma menina de 14 anos, presente quatro, não sou casado com a mãe dela há mais de 13 anos, mas sou presente com ela quatro vezes por semana, quatro vezes por semana, quatro dias de cada sete semanas, ou seja, mais da metade da vida dela ela passou comigo. Ela tem meus cacoetes, ela tem parte dos meus defeitos, tem parte das minhas qualidades e ela tem personalidade própria e soube fazer isso. Então isso eu tenho muito orgulho de ter feito. Então, assim, brincadeira à parte, no limite, o mito só não sobrevive a isso, eu fui pai. Mas eu estava pensando muito nisso nesse momento que a gente vive no país, e eu tenho para mim hoje que as minhas escolhas não teriam sido diferentes da dele. Não teriam sido diferentes. Eu teria feito a mesma escolha, a mesma forma. E mesmo sabendo de quão é maravilhoso para o filho e como é maravilhoso para o pai esta convivência e esta relação, mesmo sabendo disso eu acho que eu teria feito as mesmas escolhas, porque no fundo é isso, é uma questão de escolha. É uma questão de que ele sabia a quantidade de coisa que estava acontecendo errado, ele conviveu com isso, ele escolheu um caminho com erros e acertos e não cabe a mim julgar, a eu julgar essas escolhas dele agora, mas ele fez as escolhas que levaram a morte, mas, de novo, ele não é o culpado da morte dele, entendeu? E por que eu falo que esse conjunto, e aí eu volto com as histórias depois se vocês quiserem, mas por que eu falo que esse conjunto é muito importante para a minha formação? Em termos de política, meu irmão, que vocês conversaram, meus tios, a gente discute bastante, mas eu, em relação a eles, sou considerado mais conservador. Por que eu sou mais conservador? Porque eu duvido até o último segundo. Eu duvido. Chega alguém cheio de boas intenções, eu

espero ver os atos, eu espero os seguintes, eu espero as coisas, eu fico de olho, eu não sou ativo, de forma alguma, em termos políticos, mas para as minhas decisões eu penso nisso, eu pondero, eu discuto, eu... sabe? Já fiz escolhas erradas? Óbvio que já fiz escolhas erradas. Mas eu não votei só na esquerda na minha vida. Também não votei... vamos ver se eu posso falar “nunca”... Nunca. Numa coisa que eu considere ser direita. Mas eu sempre fui, eu vou dizer mais crítico, que o resto da família, eu sempre tive um pouco menos de fé, por quê? E aí tem muito a ver com aquele momento Tancredo Neves e aquele acreditar nas Diretas Já, que é assim: “Cara, é um pouco mais complicado”. Então eu sempre, meu irmão fala, a gente conversa muito sobre isso, mas eu sempre falei, eu trabalhei com pesquisa política para diferentes partidos, eu falei: “É tudo igual”. O fato de estar fazendo isso aqui não depende do partido, depende das pessoas. Depende do que elas estão acostumadas, o que ela acha normal, não acha normal, é tudo igual. Então assim, as escolhas que tem que fazer, infelizmente elas passam, por mais que a gente faça escolhas de pessoas, no fundo a gente tem que escolher no que a gente acredita que a pessoa vai fazer. Então eu quero um presidente que é cheio de falhas mas pode fazer alguma coisa mais pelo social ou eu quero um presidente que também é cheio de falhas mas vai fazer alguma coisa econômica? Eu tomei decisões de um lado e de outro nesses últimos anos e às vezes nenhum dos dois lados. Então isso acho que foi muito, é muito importante, foi muito importante essa formação, essa questão, esse distanciamento. Outra coisa que eu acho que foi muito importante, e por mais absurdo que seja o que eu vou falar, quando começou a Comissão da Verdade, eu sentei com a minha vó e falou: “Vamos, você quer pedir ajuda?”, a primeira fala da minha vó para mim foi: “Mas você precisa?”, “Não”, “A gente precisa? Eu não preciso, você precisa? A Duda precisa”, minha filha, que chama Eduarda. “Eduarda pode precisar, então talvez seja bom uma poupança para ela”. Aí eu falei: “Vó, eu não sinto essa necessidade, mas mais que isso, eu não consigo deixar de sentir que é um “cala a boca”, eu não consigo deixar de sentir que a questão chave não está sendo tocada”. E não é problema da Comissão da Verdade. Se for dizer que tem algum problema é que na transição entre a ditadura e o período democrático, obviamente que os empresários e militares que tomaram conta do país queriam, de alguma forma, garantir sua liberdade futura e não sofrer um processo de devassa como Nuremberg ou outro grande caso histórico de justiça que a gente tem. Então assim, eu acho que a anistia geral e irrestrita foi uma história muito bem contada que a esquerda e todo mundo que tinha parentes fora comprou porque precisava. “Eu quero o meu filho de volta”. Minha tia, que é minha mãe, foi hiperativa, então todo mundo foi muito ativo, é até difícil de eu falar. Foi um absurdo o acordo que foi feito, mas de certa maneira isso cria um problema, né. E na minha

opinião um problema que só alimentou um histórico de impunidade nesse país para quase tudo. Então a gente não entrou com pedido. Minha mãe entrou com alguns pedidos, mais de um, mas nunca eu entrei com pedido. Eu fiz uma procuração para ela, porque a prova da minha mãe que era esposa do meu pai é minha existência, então fiz esse trabalho. Chegou, precisou correr atrás e teve os motivos dela, mas a gente decidiu nunca fazer. A gente que eu falo talvez meu tio ou algum outro tio em algum momento, primo tenha feito, mas assim, o núcleo muito próximo da família nunca entrou com esse pedido, essa discussão. Porque, de novo, foi um assassinato. Eu tomo cuidado para não falar exatamente isso hoje, nem que ele morreu sob tortura. Porque morrer sob tortura é um acidente, absurdo, mas é um acidente. O fato dele ter sido assassinado, “eu vou matar tal pessoa”, (Trecho Incompreensível) é uma outra coisa, crime premeditado. E no fundo, eu não sei se tem espaço jurídico, eu não vou nem entrar no mérito dessa questão, no fundo sempre foi a minha opção de falar: “Eu não vou aceitar”, inclusive para sempre deixar aberto uma porta de fazer um outro caminho, se algum dia isso fosse possível. E tem um outro lado também, que é que eu prometi para mim mesmo que na minha geração, pelo menos no que diz respeito à minha filha e aos meus netos, ia acabar a mitificação do avô. Tipo assim, a história já foi contada, muita gente tem a sorte e eu conto um pouco mais sobre isso já de ter um livro que conta, com traços de mitologia e herói, mas conta a história dele, e isso, minha filha, eventualmente é um dos livros que está na cabeceira dela para ler e na hora que ela chegar a isso ela vai ler, acabou de fazer 14 anos, eu lia muitas coisas na época, mas... Cada um tem, hoje o Brasil não está mais na época, mas cada um segue o seu caminho, e aí você fala assim: “Talvez não fosse saudável uma menina de 14 anos estar lendo ‘Brasil: nunca mais’”. Eu li “Brasil: nunca mais”, o (Trecho Incompreensível) e outros livros que eram a história de um índio apache na luta contra... Eu lembro dos livros que assim, era meio que uma mesma história, que talvez o Brasil (Trecho Incompreensível) não fizesse espaço ali, (Trecho Incompreensível), mas isso não é discussão importante. Então eu também prometi que a mitificação acabaria ali, porque não é saudável. Ser Mata Machado foi uma coisa que virava uma grande coisa. Minhas tias são ótimas professoras universitárias, produziram um monte de coisa, minha família também. Mas de verdade, a última grande produção que tem mérito, usar a palavra “mérito” é uma discussão complexa hoje em dia, mas meu avô fez uma produção absolutamente grande, diversa e importante. E meu pai, por causa dessa história, também virou... Então eu falei: “Não tem, ser Mata Machado não te traz nenhuma benéfica, por mais que é um nome que acabou, em Minas Gerais, nos nossos círculos, sendo importante. Talvez uma das razões até que eu saí de Belo Horizonte era um pouco isso, por mais que eu continue ensinando e

ponha hífen e tenha muito orgulho e em alguns momentos sou, sim, ainda arrogante, em alguns momentos ainda acho que isso é uma história boa para contar, né, foi um pouco essa história. Então foi um pouco afastar dessa, dessa questão do mito, desse ponto do mito. Então isso, eu acho que isso resume um pouco esse meu processo nesse sentido. Acho que é importante contar um pouco por que a história do meu pai é um pouco diferente de tantas outras histórias, como vocês mesmas contaram. Por que a gente tinha um corpo, por que a gente tinha um corpo enterrado; por que a gente teve acesso, então meu pai sempre na lista de mortos e desaparecidos sempre foi “morto” e não “desaparecido”. Por que que a gente tem tanta informação? É uma porção de coisas. Eu acho que o ponto um, importante, é que meu avô, Edgar de Godói da Mata Machado, foi jornalista, professor, cassado de novo, como já falei, tanto na ditadura do Getúlio quanto na ditadura militar, e era, assim como minha vó, uma pessoa muito ativa na igreja. Pastoral da terra, Leonardo Boff, Paulinas, uma igreja que perdeu muito espaço, mas era uma igreja. Colégio Santo Antônio era um colégio lougado a essa igreja. Meu pai começou a atividade dele na JUC, Juventude Universitária Católica, como outros tantos da AP, e outros tantos da, deste grupo, digamos, desse grupo que saiu do conforto que vivia para resolver lutar contra essa ditadura. Essas coisas todas foram muito importantes, então assim, tem alguns fatos separados, que eu vou juntar, que eu (Trecho Incompreensível) juntar, que eu vou juntar com a história de Ibiúna e depois o livro. Então isso tudo está mais ou menos vinculado. Meu avô conta que no dia que saiu a notícia da morte do meu pai, se eu não me engano era a notícia que ele tinha morrido num tiroteio com outro coisa Paulo, chamado Paulo, que até onde a gente entende era forma dos militares dizerem que o Paulo (Trecho Incompreensível) tinha sido assassinado numa disputa com outra pessoa, porque ele também já tinha sido morto de alguma forma, então eles contaram essa história. Então falaram que ele tinha sido morto, aí um monge de um convento que era um quarto alugado falou assim: “Doutor Edgar, eu estou te ligando para dar os pêsames, mas eu queria falar uma coisa. Não aconteceu nada aqui ontem. Eles falam que foi tal dia, que... Não aconteceu nada, não teve nada aqui”, então esses pequenos fatos já falavam assim: “Hum”. Então papai sabia que era uma história um pouco, vovô sabia – eu chamo ele de pai – que era uma história um pouco complexa. E tendo sido jornalista ele conseguiu, por essa ligação jornalística, que estaria em vários jornais a notícia do assassinato do papai. Então eu se não me engano o Le Monde, New York Times, talvez o Guardian ou algum outro jornal inglês, não sei. Então saiu, isso gerou uma pressão um pouco forte nesse sentido, e ao mesmo tempo a igreja. Não vamos entrar no mérito do que a igreja... Isso dá outra entrevista e outra discussão e é outro mundo, mas a igreja também ajudou a pressionar. E as ligações, de novo.

mesma maneira que o meu dentista, dentista da família não entendia bem o que estava acontecendo, a gente, na nossa família, também tinha uma ala absolutamente conservadora que também cresceu, ganhou dinheiro durante o “milagre econômico”, ou digamos, durante a concentração de renda gigantesca que aconteceu durante a ditadura militar. E essas pessoas tinham, conheciam seus generais, seus amigos. Então teve toda essa pressão. A gente sabia que ele tinha sido morto no Recife por alguma, alguma informação que ele tinha sido preso em Recife. Agora eu estou confundindo, mas preso em Recife e levado para São Paulo ou preso em São Paulo e levado para o Recife, não vou lembrar agora exatamente como que era a história, mas acho que ele acabou sendo morto em Recife, e aí a gente pegou e tinha tido uma, tinham conhecidos e achou uma advogada, e essa advogada lá fez esse papel, doutora Mércia, se eu não me engano. E a Mércia fez esse papel junto com outros advogados de “deixa eu correr atrás do corpo”, lembrando que tinha uma pressão por trás dos militares, então eles já recebiam. E aí nessa época de Ibiúna, e aí é outra lembrança forte, a gente recontactou ela e ela falou: “Não, eu tenho certeza que é o Zé Carlos que está lá, fui eu que reconheci o corpo, eu vi ele sendo colocado”, e tal. Isso um pouco antes da gente fazer, um pouco depois ou antes, não ou saber, da gente fazer a questão do traslado de ossos. E aí a gente morava numa casa, até na rua Via Láctea, lá no Santa Lúcia, era uma casa em que o meu quarto era um corredor fundo, meu quarto era num canto, o quarto da minha tia do outro. Aí fui eu, minha tia e meu tio Bernardo, se eu não me engano, ligamos para Mércia, eu fiquei num fone, eles dois ficaram em outro quarto, em outro fone, e aí a Mércia contou. E o quê que a Mércia contou? Teve todo, milhares de oitivas para conseguir, e um dia falaram com ela: “Então tá, então você venha”. Sei lá se era de noite, de dia, imagino que de noite. Chegou num lugar estranho, como todas as coisas daquele período devem ter sido, tinha uma cova, imagino que em algum momento ela pensou: “Eles vão me matar e jogar aqui dentro. O quê que vai acontecer?”, e tinha dois corpos lá dentro. A suposição é que era papai e o Gildo Lacerda. É importante chamar a atenção disso porque o Gildo nunca foi encontrado, a família do Gildo continua sem ter seu corpo. Talvez tenha tido alguma coisa agora nesse período da Comissão que eu não saiba, mas historicamente foi isso. E eu falo hoje em dia que a proteção de classe até entre mortos e desaparecidos ocorre, porque a família do Gildo era uma família absolutamente simples do interior do nordeste, nós éramos Mata Machados, em Minas Gerais, Belo Horizonte, uma cidade desse tamanho onde a elite é menor ainda, né? E aí ela conta, ela conta que dava para ver que o crânio estava torto, minha mãe imagina que ele provavelmente foi morto numa coisa chamada “cadeira do dragão”, que apertava a cabeça e acabava gerando esse deslocamento do couro cabeludo.

Então ela conta, contou em pequenos detalhes isso, né. Eu lembro de visualizar a cena do crânio quase como se tivesse tido um escalpe, essa é um pouco, parece que a coisa da cadeira do dragão. E aí foi isso, ela contou isso, e aí ela, ao fazer isso, nos reforçou, confirmou o que a gente já tinha visto ou alguma coisa nesse sentido, e foi muito bom nesse sentido. E aí o último ponto meu de memória nisso foi quando um menino que era estudante na faculdade de Recife, chamado Samaroni Lima, o Samaroni, a história que ele me contou, o Sama começou a estudar a ditadura em Recife, aí ele começou a achar muita coisa na AP, como todo mundo, todo bom aluno de mestrado, eu acho que era mestrado ou graduação, acho que era mestrado dele, é forçado a escolher um tema, ele começou, ele falou: “Então vou falar sobre AP em Recife”, que ele começou a achar muita coisa da Ação Popular Marxista-Leninista, ou AP em geral, né, e quando ele começou a ver, ele começou a achar muito o José Carlos. Aí ele falou: “Caracolis. Quem que é esse cara de Belo Horizonte que me veio, família católica, não sei o quê, e veio morrer aqui?”. E aí de certa maneira (Trecho Incompreensível) ele resolveu entrar em contato com a gente. Ele falou: “Sou aluno, estudante, estou querendo, estou estudando a história e coisa, estou vendo o Zé Carlos, queria falar um pouco da história dele. Posso?”, a gente falou: “Claro, será um prazer. Vem cá.”, e aí foi a época que teve um desses encontros, ele veio para o encontro, e aí o Samaroni teve a oportunidade de entrevistar muitas pessoas. E eu diria que muitas pessoas estavam loucas para falar, poucas pessoas que até então tinham falado muito pouco, isso talvez tenha sido 94, talvez tenha sido os 30 anos de 64, do que era a turma dele, de novo, de formação de direito. E o Samaroni chegou e ele fez esse conjunto de entrevistas, conseguiu juntar esse conjunto de entrevistas em três artigos que, posteriormente, viraram livro, que é um livro, de novo, eu lia todas as provas, ele passou para mim todas as provas e eu pedi para mais de um amigo ler, entre os quais o professor João Antônio de Paula, da UFMG, que era professor de economia, amigo nosso, que entende muito de cinema, então o João falou: “Isso é quase um roteiro”. Então é uma história muito fácil de ser lida, claro que tem seus buracos, mas ela tem um, ela é fácil ali mas ela tem uma pegada, vamos dizer assim, jornalística de, baseado em fatos reais, né, muito forte. Então é uma coisa muito interessante, e este livro foi muito importante para família, porque o Samaroni conseguiu fazer ligações muito importantes. Eu acho que talvez a única ligação que o Samaroni não conseguiu fazer e eu acabei fazendo anos depois, já com... então assim, o Samaroni conversou com a pessoa que estava na mesma cela que ele, logo na morte. Samaroni conversou com um conjunto muito grande de pessoas e trouxe um conjunto de informações muito fortes. Eu li as provas não sei quantas vezes, discuti com ele um monte de coisa, discuti a ordem dos capítulos até, obviamente

o trabalho era dele, mas um pouco me sentindo isso, eu li o livro não sei quantas vezes, para mim até hoje toda vez é, obviamente, é de uma força muito grande. Pena que razões outras ele e a editora se desentenderam e criou alguns problemas para a reedição do livro. Mas foi muito importante para nós esse período, esse entendimento do livro, e é importante para mim até para, eu pude eu não contar com as minhas palavras as coisas. Então os meus maiores amigos leram o livro, seja aqui, seja em São Paulo, as pessoas que me conheciam muito e queriam um pouco entender talvez por que eu seja tão cético às vezes em relação a muitas coisas, por que eu sempre falo assim: “Cuidado, não é bem isso”, por que eu brinco que para mim o grande filósofo do século XX não é ninguém mais que não Bruce Willis naquele filme “Duro de Matar”, porque eu acho que é no limite just all (Trecho Incompreensível) responde muita coisa nesse mundo. Então assim, o livro foi muito importante para ser o registro dessa história, por mais que tenha fantasias também, segundo várias fontes desse ponto. Eu ia falar uma última coisa que eu esqueci, o quê que era?

MARIANE: Que há uma ligação que ele não fez.

DORIVAL: Ah, sim. Como eu falei, trabalhei em política, entre as pessoas com quem eu trabalhei um foi o José Serra, que independente das escolhas políticas e da opinião das outras pessoas aqui, foi presidente da UNE e era um dos líderes da AP. E aí o Serra, numa reunião que eu tive com ele, de outro projeto que a gente estava fazendo junto, falou: “Ah, seu pai foi mais de uma vez no Chile”, que era uma coisa que a gente não sabia. Falou: “Não, seu pai foi no Chile duas, talvez três vezes para discutir (Trecho Incompreensível)”. Então isso é uma coisa que a gente não sabia e não fala, no livro levanta essa possibilidade de como é que estava funcionando. Então ele ia no Chile às vezes para, e ele chegou a sair do país algumas vezes para encontrar com outras lideranças, para discutir questão de posicionamento. Isso talvez tenha sido a única informação que, por razões quaisquer, tenham ficado fora do livro, o que vem um pouco reforçar a impressão que a gente teve no final, que era, que ele estava, que o cerco se fechou também porque ele estava saindo. Tipo assim: “ou a gente mata ele agora ou a gente vai perder essa oportunidade”. Talvez o último capítulo dessa história tenha a ver com meu tio, marido da minha... Marido, irmão da minha mãe, o Gilberto. Eu conhecia o Gilberto desde pequeno. A lembrança que eu tenho do Gilberto é de ser um tio absolutamente muito carinhoso e de ser (Trecho Incompreensível). As duas lembranças que eu tinha do Gilberto eram essas, era uma pessoa absolutamente carinhosa, mas que parecia perdido. Eu tenho flashes de memória que eu não sei se foram criadas depois de ter conhecimento dos fatos ou se aconteceu de fato, que eu tenho flashes de memória de uma gravação. Que

gravação é essa? Em algum momento, e eu não vou saber quem e eu não vou entrar nesse mérito, algum momento as pessoas começaram a fazer a conexão entre a morte de várias pessoas e a morte do meu pai, no sentido de que provavelmente todas as dez últimas pessoas que ele encontrou foram presas, mortas, presas e assassinadas. Então assim, de certa maneira meu pai parece ter sido usado como um ponto de ligação, ele tinha essa impressão de que ele tava sendo perseguido, mas isso era mentira. Ele tava sendo usado. Ele tinha a impressão de que todo mundo que ele tinha encontrado estava sendo preso e estava caindo. Não. As pessoas estavam sendo presas, estavam caindo porque estavam encontrado com ele. É pior. Eu imagino que ele tenha morrido sem saber isso, coitado. E aí teve aquele, não vou lembrar o nome, acho que Merval, alguma coisa, não vou lembrar, que saiu uma capa da Veja que citou o Gilberto, um militar cooptador das forças armadas da época, e aí surgiu a história do Gilberto. E essa história do Gilberto surgiu aí, ela tinha, em algum momento entre minha mãe, a Eleonora, que é minha tia, e era casada com o Ricardo Prata, que é meu tio, na verdade (Trecho Incompreensível), e minha mãe se juntaram e de alguma forma alguém pegou um depoimento do Gilberto. Eu tenho flashes de memória dessa fita existir e ter ouvido alguma coisa sobre ela, nem que seja como criança sentado no canto da escada, ouvindo mais do que devia, eu era mestre nisso. Até hoje o pessoal que trabalha comigo fica nervoso porque eu trabalho numa sala, eu fico numa sala que é menor que essa e a equipe fica toda atrás, de vez em quando eu levanto a cabeça e dou um palpite sobre as coisas e falam assim: “Dori, você está ouvindo como?”, porque eu aprendi a ouvir tudo que eu consigo ouvir, não julgar, mas estar atento e se eu acho que é importante intervir, eu sempre intervenho. Aí então eu lembro de ter ouvido isso, mas o fato é que naquele momento foi um outro momento muito importante, que foi o momento de se descobrir que o irmão da minha mãe, e eu não vou julgar ele pelas razões das escolhas que ele fez, eu vou julgar sim pelas escolhas, mas pelas razões, seja por ameaça, seja por insegurança, seja por fragilidades emocionais, seja por ter apanhado demais, ele acabou entrando no que muitas pessoas chamariam de Síndrome de Estocolmo, seja lá o quê. Basicamente ele virou um informante e fez todo o caminho de reaproximar da minha mãe e do meu pai para através disso sair derrubando. Isso foi uma outra fase muito importante, porque eu convivi com ele muito tempo. Muito tempo eu convivi com o Gilberto. Eu não... Não dava para transformar aquele tio num bandido. Eu não podia transformar aquele tio num torturador, num ditador, num, desculpa a palavra, filho da puta. Eu resolvi não fazer essa transformação. Isso é diferente de tolerar, perdoar ou aceitar o ato. A questão é toda assim, bem mais um entendimento que é: “Caralho. Que merda.”. Meu avô sempre falou isso. Meu avô sempre



falou assim: “Dori, esse país tem vários problemas e o mundo tem vários problemas”. Uma das palavras que ele sempre falou comigo era: “O poder corrompe. Pequenos poderes, grandes poderes, o poder corrompe. Ponto. Você tem que traçar uma linha ética muito clara e qualquer passinho que você der fora dessa linha, sai, corre. Porque na hora que você aceita um almoço, daqui a pouco aceita um helicóptero. Para você pode ser a mesma coisa, mas não é.”. Você não podia ter aceito o almoço, porque no fundo é aquela história: “ah, não. Tá bom, aceitei R\$ 10,00 para fazer alguma coisa”. Qual que é a diferença de aceitar 10 e aceitar 1 milhão? Para muita gente R\$ 10 é muito dinheiro. Então estou dando só esse parêntese. Outra coisa que meu avô sempre me ensinou e sempre me falou é, ele não falava assim, isso é uma tradução minha, mas que o poder mais corrupto desse país é a justiça, e sempre foi. Legislativo é um problema? Sim. O executivo é um problema? Sim. Mas a justiça é o mais corrupto, e é mais corrupto porque de certa maneira o direito brasileiro não está baseado no naturalismo, eu vou dizer assim, ou no humanismo, eu não vou saber o nome filosófico correto, mas se no fundo é: a gente não está pensando no direito natural de que todos nascem iguais, somos iguais. A gente está preocupando em salvaguardas individuais. Então ele falava assim: “É muito difícil”, se você pensar assim, ele foi deputado federal. “É difícil de eu fazer uma lei, por mais justa que seja, que vá prejudicar meu filho”. De certa maneira as leis de cota, as leis de gênero, a discussão de redução das desigualdades, ela acaba sendo uma coisa que parte de quem sofreu desigualdade. Por que ninguém pensou nisso antes? Porque não vai ajudar meu filho ter um sistema de cotas, a não ser que ele vá aproveitar disso. Então isso é um problema do sistema legislativo, e é um problema que se traduz completamente no sistema jurídico, que vive disso e vive de um poder muito grande de que a jurisprudência tem um papel diferente aqui. E, de novo, se a coisa, se a questão é uma questão natural, se é um direito natural, jurisprudência faz todo sentido. Ou seja, um roubo é um roubo, independente do caso. Se ela tem que julgar se a pessoa estava assim, assado, e aqui não. Aqui eu falo, eu sempre falei isso com a Duda, falei assim: “Duda, posso matar aquela pessoa ali e nunca acontecer nada comigo. Posso botar fogo num índio em Brasília que não vai acontecer nada comigo. Não vai por quê? Porque eu sou rico. Filho de elite, consigo pagar meu advogado, não vai acontecer nada”. E isso não pode ser assim. Não pode ser o fato de que se eu faço isso e nada acontece, mas se uma pessoa mais simples faz isso com outro, acontece. Então era um pouco essa a outra crítica forte dele em relação a esse sistema. Eu estou falando isso tudo por quê? Para entender um pouco por que nesse desenho todo eu aprendi a dar uma distância, aprendi de novo a entender que é muito mais complicado do que simplesmente acusar e apontar dedos, não dá

para falar que o que teve no Brasil foi uma guerra, não dá. Quem tinha o poder, quem tinha o controle, quem tinha as armas, quem tinha tudo eram os militares. Estudantes, por mais organizados que fossem, era um conjunto de pessoas com grau de comunicação muito desequilibradas. Mamãe fala muito claramente isso, quando ela viu, começava a mostrar as fotos tiradas dela, ela falou: “Essas pessoas estão me observando o tempo todo”, ou seja, o grau de paramentação e preparo de um grupo versus o outro era absolutamente diferente. Mas por que eu estou falando isso? Porque então, assim, eu aprendi um pouco, eu nunca mais falei com o Gilberto, eu nunca mais tive convivência nenhuma com ele, minha mãe, obviamente, menos ainda. Mas nunca vou dizer “eu entendo”, mas também não vou sair gritando, xingando de filho da puta. Desculpa o palavrão, mas vou sempre falar assim. Mas por quê? Por que eu estou falando isso? Porque de novo, é a mesma coisa hoje, é a mesma coisa que a gente está vivendo hoje no país, é a mesma questão. Vou dizer que meus colegas conservadores e mais de esquerda, os dois não gostam de conversar comigo. Nenhum dos dois. Porque eu sou crítico com as duas posições. Eu sou crítico a todos os carimbos, a todos os formatos. Mas por outro lado eu também sou duro, então quando finalmente o Gilberto morreu, eu falo finalmente porque não é “ainda bem que ele morreu”, é porque ele procurou a morte, coitado. Ele nunca chegou em paz consigo mesmo, bebeu e talvez tenha usado outras drogas, não sei, mas bebeu muito e foi se matando aos poucos, como quase todas as pessoas que não conseguem encarar ninguém de frente mais com, olhando no olho, né? Então quando ele morreu minha mãe me ligou e falou assim: “Ah, o Gilberto morreu”, não sei o quê, não sei quê lá, e eu, eu não vou dizer o quê que ela disse, mas eu falei com minha mãe: “Que bom. Agora aliviada, acabou, segue em frente. Vai cuidar de outra coisa na vida ao invés de ficar se martirizando, se culpando porque seu irmão que levou seu marido e um monte de amigos à morte? Então segue em frente”. Ela falou: “Ah, mas não é errado?”, eu falei: “Errado o quê? Você estar aliviada porque ele morreu? Não. Tem nada de errado. Segue em frente”. Para ela foi muito duro porque ele era o melhor amigo dela, entre os irmãos. Ele era muito próximo, ele foi muito bem explorado e ele explorou muito bem essa relação. Então acho que o último capítulo dessa história passa um pouco por essa questão do Gilberto. E o quê que formou? Pensando nos filhos, tá? Minha filha aprendeu a conviver com o pai, talvez em um momento mais presente que precisava. Eu era o tipo de pai que quando estava com ela, quase chorava de tanto grau de exigência que tinha, cobrança em cima dela. Eu era um pai que eu lembro uma vez, quando ela era bebê, eu cheguei no médico, ela estava cheia de bolinha, falei: “Doutor, a gente não sabe o que ela tem. Por que ela está assim cheia de bolinha, alguma alergia?”. Ele passou a mão na minha barba, que não era

desse tamanho, era pequenininha, ele falou assim: “É a barba, Dorival. Você podia parar de beijar sua filha tanto?”, e ela estava toda marcada por excesso de carinho. Então ela aprendeu a criar o espaço dela. Então virou um cara que tem muito orgulho de ser pai, e pai é uma coisa muito importante para mim. Abri mão de muita coisa para isso, e não tenho problema porque exatamente para mim é um contraponto ao que eu não tive, um pai no sentido estrito senso da palavra. De novo, eu tive vários pais, não posso reclamar disso. Então criou uma, isso é uma coisa que eu carrego. Meu pai foi assassinado e eu não tenho pai, foi assassinado, não tem culpado nenhum preso, ninguém foi preso, vira um mito a história dele, se torna uma coisa que eu carreguei, e que hoje em dia eu digo com mais segurança que eu consegui bem resolver com minha filha para ela não ter que carregar isso e para eu não sofrer com todos os meus fantasmas na formação dela, então isso é uma coisa que afetou muito minha vida, obviamente. E até coisas simples, tipo, eu choro em comercial de margarina quando é uma relação de família. A relação com minha mãe, obviamente, se prejudicou naquele período, por razões das mais variadas e Madalena é minha mãe, mas eu chamo ela de mãe quando eu estou com ela, quando eu não estou com ela é Madalena. Quando eu tive minha filha eu pude virar para a minha tia e falar: “Você vai ser avó”, porque eu sempre fui proibido pela minha família de chamar qualquer outra pessoa de mãe que não a Madalena, então quando eu era criança eu queria chamar a Edith de mãe, não podia. Então isso também não foi muito fácil, porque eu tinha uma mãe, que era minha mãe biológica, que não era presente na minha vida, e a mãe de verdade eu não podia chamar de mãe. Foi bem confuso, eu tenho de dizer. Mas aí depois, eu resolvi, quando minha filha nasceu, ela é a avó e nunca se discutiu, então a relação da mãe foi carimbada, vamos dizer assim, chamando ela de avó. Então minha filha tem algumas avós. Aí, quê mais? Acho que essas duas, então assim, minha relação com Madalena é uma boa relação, nós temos uma relação, mas não é uma relação próxima. Dudu tem uma relação, meu irmão Eduardo tem uma relação muito mais próxima com ela, viveu até os 4 anos com ela, tem memória afetivas. Eu não tenho memória. Eu lembro da minha Dith, que é minha tia, minha mãe também, me levar para visitar ela em João Pessoa, quando ela morava numa comunidade da Paraíba, ela continuou a ação forte, independente do desmantelamento total do sistema, do sistema de luta contra a ditadura. Então me lembro, levava eu e meu irmão em João Pessoa. Eu lembro de ir em alguns lugares que ela foi morando, ir. Eu lembro de ter orgulho de muitas das coisas que ela foi fazendo na vida e do que ela foi produzindo, mas nunca tivemos essa relação. A gente tem uma boa relação, mas eu diria que às vezes, coitada, ela é mais minha mãe do que eu sou filho dela. Mas, por outro lado, tenho uma boa relação e eu lido muito bem com isso.

Tivemos agora, ela fez 70 anos, os três filhos, foi muito bom. Quê mais? Eu acho que uma outra coisa que eu carrego dessa época, e eu acho que muitas, isso aí não é exclusivo de filhos de pessoas que lutaram, que morreram na ditadura, ou desapareceram, morreram também, né, provavelmente, mas de mortos que é... eu convivi com a dureza que é um pai perder um filho. Então minha vó tem 90 e... vai fazer 99 anos, minha vó acordava gritando, várias noites na vida, várias, várias. Lembro de acordar com ela gritando e ter que ir lá e acalmar ela. Meu avô chorava só de ouvir o nome do meu pai, a vida inteira. Isso é uma coisa que não se apaga. Não se apaga. Um filho morrer antes de um pai por causas naturais já é uma coisa completamente absurda. Ser tirado dessa forma bruta e desse jeito é uma coisa que não se apaga. Eu nunca falei isso com meu avô, mas sendo pai hoje eu tenho certeza que em algum momento na cabeça dele passa: essa formação fui eu que dei. Esse grau de criticidade, essa forma de ver o mundo fui eu que dei. Então tem isso. E eu, de certa maneira, eu falo que eu replico isso, não sei se de forma certa ou não, com a minha filha, né? Então, de novo, a primeira coisa que eu falava era isso: “A pessoa mais importante é você”, para ela se entender. Outra coisa que minha filha aprendeu a conviver é que lá em casa não tem filme pirata, não tem mp3, lá em casa não tem, ela tem um, tinha, tem ainda, vai, um Nintendo DS, ela tinha três jogos. Todas as amigas, todas é exagero, mas um monte de gente que ela conhecia tinha 200 jogos. “Por que (Trecho Incompreensível) tem 200 jogos?”, falei assim: “Filha, porque eu não vou comprar esse negócio, eu não vou hackear, eu não vou”. Eu pago word, excell, Windows, desde que eu me conheço por gente. Eu não tenho, talvez um ou outro tenha, mas tenho o mínimo de coisa pirata, de aplicativo. Então sempre foi um pouco uma escolha que eu fiz, sabendo, e essa é a diferença, acho que talvez meu avô tenha feito igualzinho isso, não sei dizer, que é sabendo que é difícil falar que o certo é isso ou aquilo sendo que o certo, sendo certo definido em função de valores. O que eu quero dizer? Eu moro em São Paulo, tem filmes maravilhosos vendidos na Augusta, filmes que você não acha em lugar nenhum do mundo vendidos em DVD pirata, o cara copiou de algum lugar. Todo mundo compra. Pessoas maravilhosas que eu conheço, pessoas interessantíssimas. E vão na 25 de março, em São Paulo, hoje em dia não, né, mas todo mundo comprava. Na época do Napster todo mundo ouvia um milhão de músicas. Se todo mundo faz uma coisa, ela não se torna certa. Então isso é uma discussão que eu brigo com minha filha o tempo todo, porque a resposta é não, que é isso, ou seja, se todo mundo passou, se a grande maioria da população passou durante a ditadura militar inteira nesse país cuidando da sua própria vida, a ditadura existiu? A resposta é: claro que sim. Então assim, se todo mundo compra filme pirata, filme pirata é lícito? Não, não é. Mas são duas coisas diferentes, então isso é uma coisa que

eu passo para minha filha. Por que eu estou contando isso? Porque outro dia ela foi fazer um mapa e: “Minha filha, você não vai, conhecer, minha filha, você não vai encontrar uma hippiezinha de 14 anos que pensa em lua. Não. Você vai encontrar uma menina que foi no show do Justin Bieber, você vai encontrar uma menina que usa algumas roupas bem, que era chamado na minha época de patricinha, mas bem elitezinha paulistana em algumas coisas, mas ao mesmo tempo você vai encontrar uma pessoa que ela é absolutamente”, é arriscado falar isso, mas “Você vai encontrar uma pessoa que não tem traços de preconceito. Você vai encontrar uma pessoa que sabe que todo mundo é igual. E não é que sabe porque aprendeu, sabe porque nunca teve dúvida disso”. E eu acho que isso é uma base muito importante. Vai encontrar uma pessoa que fala que isso não é justo a cada dez palavras, até aprender que o que é justo não é justo, quando você já é de um espaço de elite, é uma discussão que você sempre tem que ter um passo atrás. E outro dia ela foi fazer um trabalho qualquer sobre commodities, e aí ela tinha que fazer um mapa e aí eu fiquei rindo, falei: “Por mais que a gente erre em um monte de coisa de educação, faz parte, a maçã nunca cai tão longe assim do coisa”, que era: países ricos que exploram e compram commodities dos países pobres. Embaixo era: países pobres, agricultores, não sei o quê, não sei o quê lá. Falei: “De onde você tirou isso?”, ela falou: “Mas não é assim?”. Então assim, não é que a professora fez esse ensino, não é que o livro fazia esse caminho, é que ela olha, é um exagero, não é 100% verdade nenhum desses carimbos e terminologias, mas ela olha de uma forma crítica e isso me deixa bastante feliz, que eu acho que isso é muito um pouco a consequência também de tudo isso que eu vivi e de tudo isso que eu trago. Acho que é isso. Mais algumas perguntas? Vocês viram que eu também falo muito, vocês me desculpem.

JANAÍNA: Não...

MARIANE: Eu estou sem perguntas.

JANAÍNA: Eu só queria, só fazer, Dorival...

DORIVAL: Sim, por favor.

JANAÍNA: Da sua perspectiva, mas você acabou tocando, anotei aqui, mas você acabou tocando um pouco na relação com Madalena...

DORIVAL: Sim.

JANAÍNA: E aí eu queria só, para gente poder deixar registrado, a partir do momento que você foi ficar com seus avós paternos...

DORIVAL: Paternos.

JANAÍNA: É, porque... seus avós paternos, e aí depois você foi morar com sua tia Edith e teria o tempo inteiro com essa família.

DORIVAL: Certo.

JANAÍNA: A Madalena, ela ficou...

DORIVAL: Qual que é a história da mamãe?

JANAÍNA: É, só para a gente poder ter o registro.

DORIVAL: Mamãe, até onde vou me lembrar, talvez eu erre um pouco a ordem, mas mamãe morou primeiro na Paraíba, eu diria que a gente ficou uns quatro anos sem ver ela, pela minha memória. Vamos dizer que em torno da morte do papai, não vou saber traçar exatamente o caminho dela...

MARIANE: Ela ficou presa.

DORIVAL: Ela ficou presa, depois que ela saiu, exatamente todo o caminho que foi, eu sei que ela morou aqui até em Belo Horizonte um tempo e tal. A minha primeira memória viva é a gente ir em João Pessoa visitar a minha mãe. Minha família sempre foi muito forte em relação a isso. Hoje eu fui visitar minha vó, eu falei: "A senhora há duas semanas estava lá na minha mãe comemorando aniversário", ela falou: "Você fez muito bem". Minha família sempre foi muito forte nisso, de: "olha, você tem uma mãe, ela chama Madalena, e o fato de ela não te criar é uma consequência do que aconteceu com a vida dela, e não de escolhas dela". Então isso sempre foi muito claro, (Trecho Incompreensível) absolutamente forte, e na verdade (Trecho Incompreensível) me cobrou muito uma presença. Então a primeira lembrança que eu lembro é isso, minha vó ou minha tia, alguma das duas tiveram a decisão, pegaram eu e meu irmão e fomos visitar a Madalena, que a gente não via ela já há quatro anos, em João Pessoa. Para você ter noção, como eu era criança, o que eu lembro é do cachorro quente, que era com purê de batata e carne moída, então isso para mim é a grande memória. Dudu lembra da casa dela, lembra de mais, eu não lembro de nada, só lembro da comida. Tenho uma relação com comida também muito própria. Aí, esse foi o ponto em João Pessoa. Em algum momento, eu acho que foi em João Pessoa, ela conheceu o Manfredo Caldas,

que era, já falecido, um montador de cinema, fez trabalhos muito importantes e casou-se com Manfredo. Ela casou-se com Manfredo e eles foram para o Rio de Janeiro. Não vou saber dizer se era Embrafilme, Embratur, Manfredo tinha algum trabalho nessa linha. Lá nasceu meu irmão mais novo, 1986, chama Lucas. Lucas Soares Caldas. O Lucas nasceu lá, aí eu lembro da gente indo visitar o Lucas bebê, tendo nascido. Então a minha segunda memória está um pouco por aí. Então (Trecho Incompreensível), eu tenho memória, algo de 78 e 80, muito clara, que são memórias de viagem. A gente indo para o Rio, eu e meu irmão, também eu e Eduardo para visitar o irmão mais novo que tinha acabado de nascer, o Lucas, e ficando lá. Eu lembro que mamãe foi para Cuba, em algum momento depois do Rio. Ela foi para Cuba. Na verdade antes... não vou saber se foi...

MARIANE: Segundo o Eduardo ela foi antes.

JANAÍNA: É, ela foi antes.

DORIVAL: Não, não. Não sei se ela foi antes, mas o Lucas já tinha nascido quando foi para lá. Mas eu não sei se Brasília ela foi antes, mas eu vou contar a história e depois a gente põe na ordem cronológica certa das lembranças. Ela foi para Cuba, o Manfredo foi dar aula na escola de Cine, e foi o momento que minha mãe trabalhou muito e aprendeu muito sobre papel natural. Ela estudou muito em Cuba sobre como fazer papel. E aí isso lá quando Manfredo dava aula, eles voltaram para o Rio, eu sei que o Lucas viveu em Cuba, porque a gente tem foto do Lucas, eu tenho foto e isso eu acompanhei muito próximo, de toda a formação da escola cubana, o (Trecho Incompreensível) sempre foi o grande herói da vida dele, então tem uma história. Então ele esteve em Cuba nesse período. Se ela tinha ido antes em Cuba eu realmente não sei. E aí eles voltaram para o Rio de Janeiro para alguma espécie de trabalho, nesse interim o casamento da minha mãe com o Manfredo estava acabando, se eu não me engano nessa época ela foi para Brasília. Ela morava e trabalha com Eliezer Jorge no programa de combate à fome do Betinho, e aí foi um período que ela esteve grande em Brasília. Isso tudo, esse daí eu acho que deve ter sido antes de Cuba, mas aí... porque era só ela, pode ter sido antes de o Lucas nascer, porque o vovô foi senador em 80 e... Ah, não. Foi depois. Mentira. Então foi depois mesmo, de Cuba, depois disso tudo ela foi para Brasília, ficou lá um tempo em Brasília, em Brasília eu fui algumas vezes visitar ela, então eu com certeza teve Paraíba, teve Rio, Cuba nós não fomos, não sei exatamente porquê, provavelmente uma questão de que não devia ser tão barato e tão fácil ir para Cuba. Rio de Janeiro depois que ela voltou a gente foi algumas vezes. Brasília, fui algumas vezes, eu lembro muito claramente da casa onde ela morava. E a vida dela e do Lucas acabaram saindo desse Rio de

Janeiro e indo para Brasília. Então meu irmão estudou na UNB, estudou lá e minha mãe de certo acabou ficando como satélite daquela vida dele. E aí, em algum momento, eu tendo a juntar isso com a época da morte do Gilberto, que ela sentiu essa liberdade, ela resolveu fazer outro concurso. Então ela fez concurso, virou professora de escola de artes em escola pública, ela é arte-educadora formada, numa cidade chamada Cocalzinho. Então ela virou professora lá e aí com o pedido do, um dos pedidos dela para a Comissão da Verdade foi o de reconhecimento de anos de vida perdida para contar para aposentadoria. E aí ela conseguiu aposentar. Aposentada, ela acabou montando um sítio em Pirinópolis, que é onde ela mora até hoje. Tirando então essas visitas, que outros encontros eu lembro com minha mãe? Basicamente os encontros da família Soares, ou Soares Prata, em Uberaba. Então eu lembro bem da minha bisavó, eu lembro da casa dela, lembro da cara dela, que era mãe da minha mãe. Não, era avó da minha mãe, eu acho, a gente chamava ela de bisa, né. Então ver a dona Quita, senão me engano, era uma coisa que teve alguns eventos de a gente, eu fui algumas vezes de novo. Minha família fazia questão dessa coisa, 90 anos dela, alguma coisa assim. Alguns aniversários, teve uma vez, que eu já morava em São Paulo, foi uma das últimas vezes que eu fiz uma viagem grande, que um dos primos da minha mãe é o Mário Prata, que é conhecido como escritor etc, e aí o Mário foi de carona comigo de São Paulo para lá, eu lembro que foi uma viagem engraçadíssima. E aí nós fomos, se não me engano, era um aniversário de um tio que a gente chama de “tio padre”, que é padre. E algumas vezes para Uberaba. De certa maneira, não são poucas vezes, não. Minha família sempre fez muita questão. Então eu fui, encontrei, talvez a vez que eu tenha ficado mais tempo sem ver Madalena foi já depois de adulto mesmo, eu, lá em São Paulo, e aí tem muito a ver com a minha vida pessoal, com o fato de ter separado, mudanças de emprego e trabalho, que eu mantive uma distância. Mas eu sou assim, diferentemente do Dudu, que tem (Trecho Incompreensível), eu tenho uma vó de 90, que vai fazer 99 anos e eu venho duas vezes por ano em Belo Horizonte. Eu sou uma pessoa meio reclusa e minha família, desde novo, eu lembro a primeira viagem grande que eu fiz, dessas coisas de 17, 16, 18 anos. Eu lembro, na verdade deixa eu fazer um parênteses antes. Eu, na primeira vez que eu cheguei às 5 da manhã minha tia tava acordada em casa. Eu prometi que nunca mais ia acontecer. Então a partir daquele dia eu falava que eu ia dormir na casa de outra pessoa ou na casa da vó e só chegava, virava a noite na rua ou fazia qualquer coisa para não ter isso. Então eu falava com a minha vó que eu ia dormir, às vezes, e chegava tarde demais. Eu fechava a porta que dava para, tinha as salas, tinha os quartos, eu fechava a porta lá dos quartos e ficava dormindo na sala, que ela tinha trancado lá. Ou então eu chegava com um pão, falando que tinha, de fato, essa



história é verdadeira, chegava com pão, falando que tinha saído. Ou chegava alguma hora e ela falava: “Hum. Chegou tarde”, mas também não tínhamos preocupado, então acostumei com isso. E quando eu comecei a viajar, eu acostumei com isso. Então assim, a primeira grande viagem que eu fiz, eu liguei no dia que eu tava saindo, do telefone público ainda. “Ó, estou pegando ônibus, vou para Trancoso. Volto em duas ou três semanas, ligo no dia de voltar”. E eu fiz isso a vida inteira. Então, de certa maneira, minha família reclama, reclama, mas ela entende isso. Então minha tia quando está com minha vó, ela encontra com minha vó todo dia, praticamente, a Edith, mas quando elas estão almoçando juntas, que é um domingo por mês, ela sempre me liga: “Sua vó está aqui, fala com ela”. Então assim, minha família já acostumou com isso, minha família do lado do papai. Minha mãe, de certa maneira, acostumou menos com isso, porque minha mãe fala: “Poxa, você some”. Não sumo. Ela manda mensagem no Whatsapp, Facebook, eu não respondo, eu não respondo por semanas. Eu não respondo outras coisas também, é meu jeito de, eu vejo pouca urgência, para mim urgência é urgência, você pega o telefone, você liga, você resolve. Se me liga três vezes seguidas, sei que é urgente, aí eu pego, atendo, e falo assim: “Você está precisando de alguma coisa?”. E se não é urgente, da próxima vez vou deixar tocar quatro. Então assim, então nesse sentido é um pouco essa relação. Eu acho que talvez em alguns momentos eu tenha sido muito duro com ela, porque ela também viveu a história do mito. Ela viu o (Trecho Incompreensível). Ela viveu uma ilusão de que minha família tinha mais dinheiro do que tinha, porque o Doriva (Trecho Incompreensível), ele virou esse cara enorme, ele era um menino subnutrido. Eu precisava de dinheiro, de certa maneira, meu avô dava um jeito de fazer. Mas não, sempre foi uma família de cinco. Eu falo que eu fui criado com ótimas condições, minhas tias volta e meia jogam isso de brincadeira na minha cara, mas é verdade, porque o que aconteceu em 84 e 85 foi que com a abertura o meu avô ganhou de volta um dos vencimentos que ele tinha sido cassado. Então meu avô era aposentado, quase nenhum filho em casa, só minha tia e eu e tinha condição financeira. Então eu fui na Disney com 14, 15 anos. Vou nem entrar no mérito “meu filho da esquerda na Disney?”. Eu acho que eu fui com Dudu, meu irmão... (Risos) Eu fui porque ele ia, e ele ia porque ia levar o primo e o irmão mais novo. E aí, então assim, eu tive uma condição muito melhor, então acho que tem também um, ela teve também muito uma coisa do mito, e lá pelas tantas eu fui muito duro nisso com ela, no sentido de, eu falo isso com a minha filha hoje, que é o que eu falava com ela: “Cara, eu não tenho responsabilidade nenhuma sobre garantir seu futuro, garantir isso. Quer que eu pague um plano de saúde? Eu pago. Mas assim, não acha que eu vou fazer isso. Que eu não vou fazer isso com minha tia, não vou fazer isso com ninguém, porque eu não quero, eu não

quero dar essa responsabilidade para minha filha”. Eu acho que assim, não posso ser tão cético assim quanto eu sou, mas eu acho que a gente tem um tempo nesse mundo, que a gente é responsável por ele. Você pode escolher como você leva a vida, eu entendo um cara que leva a vida roubando. Nasci aqui, vou ficar 80 anos nesse mundo, por que eu tenho que me preocupar, ainda mais se acredita em nada, por que eu tenho que me preocupar em ser honesto, não matar ou fazer isso? O quê que eu estou perdendo? Ainda mais a gente, hoje em dia, a gente está, ainda bem, num país, um mundo mais democrático, então você não pega e bota fogo numa bruxa, mas você prende a pessoa e põe dentro de um, bruxa não é um bom exemplo, mas prende a pessoa e deixa o resto da vida presa. Então mesmo o medo de ser queimado vivo a pessoa não perde. Mas o ponto é que para mim é muito claro isso, que eu falo com minha filha, que é, não sei como eu vou exatamente fazer isso, mas eu não quero deixar para ela nenhuma responsabilidade. Então às vezes eu acho que eu fui mais duro que o Du com ela nesse sentido. Por outro lado, com o Du eu sinto uma corresponsabilidade. Então nesse registro é isso. Agora, eu acho que minha mãe reclama um pouco disso, mas minha mãe, por outro lado, eu sempre fui absolutamente carinhoso. Hoje em dia eu sou um pouco menos, mas acho que tem a ver também com isso, que você vai ficando mais velho. E aí, eu sempre fui muito próximo dela nesse sentido. E fiz muita terapia, vários momentos da vida. Nem tudo resolvido.

JANAÍNA: Mas é um processo, né?

DORIVAL: Nah, estou brincando. Que mais?

MARIANE: Quando que o Gilberto faleceu?

DORIVAL: Eu não vou lembrar a data. Não tem muito tempo, não.

MARIANE: Ah, tá. Mais recente.

DORIVAL: Não, foi bem recente. Minha mãe talvez tenha trabalhado dois anos em Cocalzinho. Eu diria algo entre 2010 e 2012. Eu diria que foi muito, foi recente. O quê que Gilberto fez? Ele, obviamente, teve que se afastar dos amigos e da família e de todo mundo porque as pessoas entenderam que ele não conhecia exatamente quem é que estava do lado deles.

JANAÍNA: Isso foi após ele dar essa... A Veja, né?

DORIVAL: Após. É, após a coisa ter sido exposta. Então ele foi, se não me engano, para Goiás e

formou uma outra história. Criou uma outra história o mais longe possível dessa imagem de traidor etc e tal, que é uma outra história, com uma outra, até onde entendo, com outra mulher e com outros filhos. Eu não vou ser, sou terrível para ser preciso nas coisas. E criou outra história, outra história de um pai presente, eu acho, pai amoroso e etc, com a tristeza de ser um pai alcoolatra, com a tristeza de ser um pai que tinha alguma coisa estranha ali acontecendo. A gente chegou a, tinha um cineasta que chegou a querer fazer um filme com o livro, e parte das conversas difíceis foi com a família do Gilberto, com a última família dele. Eu me envolvi pouco, só fiz os contatos, eu me envolvo muito pouco nisso, isso é uma, talvez seja até uma coisa importante de ser a última fala, mas... e para eles era difícil, assim: “Puxa, mas será que a gente quer que essa história seja contada? Por mais que seja contada como vítima”, também não é uma boa história. Como contar essa história? Então não foi por isso que o filme não foi para frente, mas foi uma parte de uma discussão difícil. As pessoas acabaram carregando isso. Eu acho que é importante só um pouco, para terminar o depoimento, que é, eu devia ter uns 15 a 18 anos talvez, eu fiz questão de fazer parte de um grupo, movimento “Tortura Nunca Mais”, e eu lembro até hoje o dia que eu saí, de novo tem a ver com a questão de, a lembrança do Tancredo, eu lembro que o Patrus Ananias tinha ganhado a prefeitura de Belo Horizonte, começou a reunião do “Tortura Nunca Mais” e era sempre discutido alguma coisa em relação à anistia, em relação ao movimento, em relação da necessidade de uma Comissão da Verdade, a necessidade eventual de reparação etc, e aí uma pessoa levantou a mão e falou assim: “Não, mas antes a gente precisa discutir o fato de que o companheiro Patrus Ananias ganhou a prefeitura. Eu acho que a hora agora dele reconhecer e dar oportunidade”. Oportunidade é uma palavra bonita que eu estou usando, “para gente que precisa” etc e tal. E foi naquela hora que eu comecei a encontrar um pouco os profissionais, um grupo de pessoas que eu não tenho como julgar, mas que ter passado pela ditadura, seja lá o tamanho da situação, virou um modo de vida, de arrumar emprego, arrumar um trabalho, e isso me deu muita preguiça. Então assim, talvez seja, se perguntasse para mim o quê que é um aprendizado, que eu não trouxe, que eu sinto que eu devia ter trazido mas que não trouxe é: eu nunca fiz nenhum trabalho voluntário, eu nunca, a única ação política que eu tive, eu fui diretor acadêmico durante dois anos na economia e mudei toda a grade, organizei um monte de coisas para as pessoas não perderem anos e matérias. Fiz tudo isso mas na forma, muito no prático, muito pouco no político; nunca tive muita ação, nenhuma ação voluntária; sempre fui absolutamente crítico da caridade mas também nunca fiz nada que me desse força ou julgamento para isso. Então eu acho que o que, eu acho que um ponto que eu nunca consegui lidar e espero um dia talvez aprender um pouco a lidar é, eu nunca

consegui lidar com essa questão do se entregar a uma causa para o bem comum, necessariamente, seja fazer sopa e entregar sopa para gente que está com fome, seja distribuir cobertor, seja dar casaco ou seja, que é muito fácil criticar caridade nesse sentido. Então assim, acho que talvez esse seja o último ponto de autocrítica final nessa questão, que tem a ver com isso, sabe? Ou seja, o quanto que a impunidade não é capaz de criar cascas grossas.

JANAÍNA: Uhum.

DORIVAL: E se a gente quiser sair um pouco da ditadura, o quanto que a impunidade, em todos os outros itens dessa vida, seja corrupção, seja roubo, seja assassinato, não é um berço altamente fecundo para criação de mais corrupção, mais espaço, mais coisa nesse sentido. É isso. Mais? Perguntas?

MARIANE: Não, está bom. Então vamos encerrar agora, às 16:05. Obrigada, viu, Dorival? Foi muito bom. Principalmente porque como a gente já escutou o Eduardo também, ele dá outro viés. Claro, são duas histórias diferentes, né, mas que elas se cruzam bastante e também complementou bastante, assim. Foi muito bom. A gente achou que o do Eduardo tinha sido muito completo, mas aí agora eu descobri que não, né?

JANAÍNA: Muito obrigada.